

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor-principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.087

Quarta-feira, 7 de Junho de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º • Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tânsa-Lisboa • Telefone 5339-Centavos

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

OS INCENDIOS NOS EDIFÍCIOS DO ESTADO

DESLEIXO? .. CRIME?

Os edifícios do Estado continuam a ser devorados pelas chamas. Não queremos atribuir ao destino ou ao acaso, dois figuras simbólicos, que de desculpa servem a muita patifaria, a velocidade fulminante, como os edifícios do Estado são pelas chamas reduzidos a um inútil montão de escombros. Os grandes incêndios que impressionam e alarmam Lisboa tem sido nos últimos tempos em propriedades do Estado. Sempre que pelo céu, sombrio ou pleno de luminosidades, um clarão vermelho desnebra e alastrá, todos preguntamos, com uma naturalidade constitucional, que terá ardido ao Estado? E realmente difícil aceitar o destino ou o acaso, como explicação lógica do facto normal é a força de se repetir, de ser sempre o Estado quem oferece aos contribuintes esmáfados, o espectáculo horrível dum enorme incêndio.

Porque motivo são os edifícios do Estado matéria eminentemente incendiária?

Ninguém, até hoje, em letra redonda, categoricamente, o declarou. Seria difícil apresentar, de semelhante caso, uma explicação lógica. Afirmar que eles ardem, porque ardem, — é afirmação própria do amigo Banana Tam pouco queremos pegar nas nossas opiniões e especular. Reputamos isso uma torpesa. Torpesa que repelimos por razões na dignidade de filiadas e ainda porque estando, como estamos, convictos, da razão que nos assiste, não queremos, para a defender, enveredar pelo caminho da deslealdade.

A lealdade não somos obrigados pelos que nos combatem, visto que da arca da calúnia não tem desdenhado de servir-se supondo que mortalmente nos feriam.

Será bom não esquecer que no incêndio das Encomendas Postais, políticos miseráveis houve que, cínicamente, covardemente, quiziram lançar-nos responsabilidades,

com o intuito de nos pôr de mal com a opinião pública, e depois de nos isolarem, prenderem-nos e deportarem-nos.

A justiça e a verdade triunfaram e a luz sobre essas calúnias promovidas por políticos que ocultavam jesuiticamente a fisionomia, fez-se meses depois de se terem extinto as labaredas desse vasto incêndio.

Contudo, sem abdicarmos da nossa lealdade, colocamos com serenidade, sensatamente a pregunta:

— Porque ardem os edifícios do Estado, repetidas vezes e com assustadora rapidez?

Haverá algum estadista dentre todos os cardumes de estadistas da república, ou algum defensor de luxo ou baratinho, dos estadistas, que dar nos possa uma resposta satisfatória?

Figura-se-nos que não.

O incêndio dos T. M. E. veio pôr a questão em actualidade. 1500 contos arderam por encanto, totalmente desapareceram, engolidos pelas chamas. Se apresentássemos a estatística dos valores que tem desaparecido por incêndio nestes últimos anos, verificar-se-ia quanto as chamas tem roubado.

Dirão, talvez, os que vivem sob a domesticação perpetua duma benevolência simultaneamente ingenua e cómoda, que ao Estado não assiste culpa dos incêndios. É fatalidade-murmurão. Pois não é.

Os edifícios do Estado ardem continuamente. Parecem edifícios destinados quase exclusivamente a arder.

E' relaxamento, é desculda — seja crime. Não podemos afirmar, claramente, porque não possuímos provas, para garantir que os incêndios não são casuais, que são propositados. O que podemos afirmar é que algumas vezes ardem edifícios quando os murmurários astram por toda a cidade, de que a dentro d'elles se prevaricava escandalosamente.

Tire quem lhe apeteça as conclusões. Nós não concluiremos. Limitamo-nos a registar o facto. Insinuamos, notem bem, insinuamos a coincidência estranha. Venham os rebanhos de crentes na inexistência do mal, onde o solo do Estado existe, gritar-nos que o Estado não tem culpa, que não houve crime. Nós lhes afirmaremos que o desculpo é crime, que o relaxamento é crime, que não há o direito de esmagar os contribuintes de impostos, para que o Estado arranca os seus bolsos sirva para alimento de chamas, para iluminar a cidade na labareda vermelha dos incêndios.

Sim, barafustem novamente os cren tes no Estado — providência com as nossas apreciações.

Sim, barafustem que nós lhes replicaremos que o dinheiro, isto é, a miséria, o sofrimento, o sangue e a vida dos produtores, amoedados, tem ardido, mesmo sem o auxílio do fogo. Os T. M. E. custaram dinheiro, muito dinheiro, que ardeu, para existir talvez a estas horas nos bolsos de alguns tubarões que nelas tinham mesa posta. Lembrem-se esses fantasiados pelo Estado, que a sindicância feita aos roubos dos T. M. E. nem sequer projectará um raio de luz. Luz! nos T. M. E.?

Até agora só conhecemos a que foi projectada pelas labaredas que devoraram mais 1.500 contos. Parece que por todos os edifícios do Estado circula a ordem misteriosa: «deixa arder». E enquanto os esforços dos que trabalham se vai desperdiçando em incêndios, não há verba para extinguir o analfabetismo, não há para todos os que vivem neste país.

«Deixa arder» parece ser a ordem misteriosa. E quixem-se depois que se aproxime o futuro em que as labaredas devorem uma sociedade exploradora, purificando-a de iniquidades!

entre os caixeiros da cidade da Figueira da Foz, que são ali um grande número, e que constituem um interessante rebanho de inconscientes guiado por meia duzia de comerciantes novos-ricos.

Na Figueira há uma associação de empregados de comércio que foi fundada com o fim de engrandecer moral e económicamente a classe, e, com uma pura doutrina sindical, viveu desafogadamente muitos anos, alcançando com isso alguns triunfos para os trabalhadores de balcão — que, afinal, são as poucas realidades que ainda hoje tem os camaradinhos ressalvas (palavras que ainda hoje tem, por: «que já não tem») — tais como o horário de trabalho, descanço semanal e uma escola de escrituração comercial.

Sabed ainda que os caixeiros de ontem, actualmente patrões ricos pela guerra, continuam sendo hoje os sócios directores da associação da classe, a zelar pelas reivindicações do caixearito!!! Não acham isto muito pândego, mesmo muito divertido?

Mas, dizervos-eis: — o ano passado 1 mesma associação, para comemorar o aniversário da sua fundação, promoveu uma sessão solene, para a qual estavam convidados a proferir algumas palavras. Lá fômos, com paciencia, dizer coisas da nossa esperança de revolução e que foi maior espanto — o ver que os caixeiros da Figueira continuavam sendo espertos e desejavam arruinar a sua associação... Tinham na presidência da mesa da assembleia o célebre presidente da Associação Comercial e a secretaria sr. José Pinto da Pinha, comerciante que mais tem contribuído para roubar os interesses aos empregados no comércio, que fizeram discursos verdadeiramente patronais, mas, pelas ensinamentos do passado, não menor é a descrença de nossa parte na consecução da baixa do custo da vida. Colocados pois entre o fatal dilema: — definhamento pela fome, ou a luta por mais salário, como meio muito transitório de atenuação ao desequilíbrio económico — preferimos, como é óbvio, optar pelo segundo meio.

A luta é sempre sinônimo de tanto mais dignificadora quanto de menos egoísmo é revestida. A' massa vinda pelos impulsos do estômagão é misturar certa dose de ideologia que lhe permite transformar as suas lutas meramente materiais, dando-lhe um cunho acentuadamente moral.

Possuidos, pois, da autoridade moral que nos dá a ostensiva colaboração em todos os movimentos tendentes ao barateamento do custo da vida e convenções, já de que no dia em que os exploradores conseguem sua homogeneidade, impõr um recuo à ganância dos sanguessugas do comércio, conseguirem em grande parte a sua emancipação, os operários do mobiliário reclamaram o mínimo que podiam reclamar, procurando contribuir o menos possível para o agravamento da situação das restantes classes.

Prudentes, mas não cobardes, procurámos evitar um conflito e para tal abrimos todas as portas viáveis, não recuando ante o entendimento com as organizações de classe dos nossos patrões. Não o queríram assim algumas e repelido!

Semanas das Juventudes Sindicais

Universidade Popular Portuguesa

realiza-se hoje, às 21 horas, na VI Secção, Associação das Classes dos Operários Chapeleiros, rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º, mais uma conferência pelo dr. Santa Rita, sobre Evolução da Humanidade.

Escola Livre do Alto do Pina

Promovida pela comissão escolar da Escola de Ensino Livre do Alto do Pina, mantida pelo Sindicato Único da Construção Civil, realizará o dr. sr. Ferreira de Macedo, amanhã, pelas 20 horas, na sede do Club União Musical do Alto do Pina, uma interessante conferência, cujo tema publicaremos oportunamente.

Há grande entusiasmo entre a população daquele bairro pela referida conferência, que é a primeira da série a que se propuseram os seus organizadores.

Pelo distrito de Coimbra

Os caixeiros querem fazer cumprir o horário de trabalho

Segundo informação que em A Batalha den o seu correspondente, os caixeiros de Coimbra estão dispostos a fazer cumprir o horário de trabalho, que têm sido inconscientemente esfralhado pelos próprios interessados.

É uma atitude digna que há muito o caixearito devia ter tomado a sério, para que as suas regalias sejam respeitadas, e perante o patronato os trabalhadores mereçam aquela consideração a que temos.

E' preciso que os caixeiros da Coimbra, como alíml os de todo o país, saibam fazer valer as suas reivindicações, deixando de ser os eternos escravos que se definham todos os dias amarrados ao balcão dum comércio ladrão e envenenador!

Mas, para que os seus direitos e as suas reclamações sejam prontamente atendidas, não basta dizer que se vai fazer; — é preciso, primeiro que tudo, fortalecer os sindicatos, fazendo deles devidos baluartes para as lutas por questões sociais e enraizá-las na C. G. T., para melhor caminhar trilhar.

No distrito de Coimbra, pensa-se nisso! Não, se pensa... E até vem a propósito referir aqui o que se passa

criaturas que vivem dos conflitos operários; e, quando tudo parecia encaminhar-se pelo melhor, surge-nos subitamente o fantasma «confederação patronal». A atmosfera não nos era benévola, pelo contrário, provocava-nos, atentando contra os direitos de expressão e de reunião, proibir o comício, chegando ao cúmulo de proibir a entrada, no gabinete do governador civil, ao futuro secretário geral da União, Fernando B. Vasconcelos.

Como justificará o famigerado Araújo a prisão do nosso camarada João Matias?

Cristiano LIMA

Rebeladas

Um conselho cínico do agente Araújo, provoca a prisão dum operário mobilário

Encontra-se preso e incomunicável na esquadra do Caminho Novo, o menor de 14 anos, Hugo Brito, filho de Ermelinda Marques, grevista devido ao facto de ser mobilário. Surpreendido pela prisão a mãe do menor dirigiu-se ao governo civil, a inquirir da razão porque lhe encarceraram o filho. O agente Araújo, abusou maledicentemente da sua ignorância, dizendo-lhe que ao camarada João Humberto Matias se devia a prisão do menor e que se ele fosse preso o filho seria posto em liberdade. Como a mãe replicasse que o filho era menor e que nenhum delito praticara, o agente disse-lhe que via o seu procedimento como um desastre, que o seu filho era menor e que nem o seu procedimento era um desastre.

A princípio o caso figura-se extraordinário. Ou os patriotas são doidos e portanto os absolutos, vêm da irresponsabilidade mental, ou então é duma selvageria estápida. Sim, porque doutro modo não se pode justificar o registo por um desastre que ia liquidando os dois aviadores e a indiferença pelo seu triunfo. Caem amar, palmas, vivas, ovações entusiásticas. Chegam a Pernambuco — comentário sereno, friezas silenciosas.

Mas, estas descontradas attitudes dos lisboetas patriotas, justificam-se plenamente. O entusiasmo pelo raid teve empreendidos sem escrúpulos que esticaram a corda que fazia vibrar de patriotismo. O delírio, a maluquice, chega ao cumulo. Se isto fosse um país de normas o máximo do entusiasmo teria chegado no momento em que elas tivessem atingido o Rio de Janeiro. Mas assim não foi. Antecipou-se, devido à pena nervosa, febril e especuladora dos empresários. O resultado é que o entusiasmo pelo raid já está gasto a força de uso e deve ter rapidamente, meridianamente abusado.

Temos portanto de constatar este facto patético:

Quando os aviadores tiveram o avião despedaçado nos Rochados, o entusiasmo patriótico tinha chegado ao fim do raid. Agora, que elas chegaram a Pernambuco, o entusiasmo vai aí a princípio, afogado, sem o seu condonável procedimento. Extraordinariamente, o seu procedimento não merece aplausos e até pode causar certa repulsa, não deixarmos de considerar mais condonável a atitude do agente Araújo. O procedimento deste indivíduo é abjecto por duas razões: primeiro, por esquecer com a ingenuidade dum criatura obriga-o a exercer funções policiais e em segundo lugar por brincar com a liberdade dos operários. A esperteza deste agente e a abjeção moral de que deu provas, põe em foco a sua miséria de espírito. Este agente considera-se positivamente na ideia de ouvir dada a irregularidade do seu ignobil procedimento e a cínica certeza da impunidade.

Como justificará o famigerado Araújo a prisão do nosso camarada João Matias?

Instrução

Foram transferidos, em concurso, os professores Alberto Coelho, da escola de Meda de Mouros, concelho de Tâbua, para Santo Estêvão, Sabugal; Olinda Henriques Galisso, de Bogalhão; Paúlina, para Cortelha, Sabugal; Henrique José Leão, de Salvada, Beira, para a sede do concelho de Silves.

Foi autorizada a regressar ao serviço

a professora na situação de licença ilimitada, sr. D. Adelina da Encarnação Silves.

1.º Declarar desde já a greve geral em princípio;

2.º Oficiar a todos os sindicatos aderentes para que se pronunciem sobre

um momento assunto até à próxima

quarta-feira;

3.º Se até essa data não forem atendidas as justas e altruistas reclamações feitas por aquela União, este organismo proclame, em definitivo, a greve geral, declarando luta a Moagem e seus acólitos.

Hoje a cidade apresentava um aspecto bárbaro.

No local do comício estacionava uma

Mas, cogitam eles, pregunta-o muita gente: — Como conseguem manter-se por tantos dias, tantos operários em luta?

Nem só pela luta violenta se afirma o espírito revolucionário. Quando os nossos adversários incitavam os operários à violência, a film de, pela brusca intervenção de terceiros, nos esmagarem, os operários, com um espírito de resistência e abnegação que toca as raízes do estócio, vão preferindo lançar mão das ocupações mais rudes e ainda que menos lucrativas, para irem amansando as agruras dos lares, chegando à averbação pelas casas que lhes negam o que é justo.

Cabe aqui o nosso reconhecimento a todos os nossos camaradas que em outras indústrias e nomeadamente na construção civil, tem muito conscientemente dado guarda a estes lares.

E' assim que esta classe, entretenendo a vida em qualquer ocupação, outros levando a sua abnegação ao ponto de tudo jogarem em prol da sua causa, veem afirmar a tida a Organização Operária que confie, porque saberemos manter acima de tudo o seu bom nome e a sua dignidade, tudo preferindo menos e reconhecendo essa temerosa «patronal» que sendo coitado dos sugadores do povo, para a tripulação, com a tolerância e protecção dos governantes. — O Comité Central da greve.

A travessia aérea do Atlântico

O «Fairey 17» deve chegar

hoje à Batalha

Informações recebidas no Ministério da Marinha, dizem que seguirá para a Batalha o cruzador Carvalho Araújo, onde deve chegar hoje.

O hidro-avião deve ter partido hoje de Pernambuco para aquela cidade.

Depois do Carvalho Araújo, a Batalha, abastecer de gasolina, seguirá logo para o Rio de Janeiro.

O Repúdio deve chegar hoje à noite ou amanhã ao porto de Vitória, onde aguardará a chegada do «Fairey 17», para o abastecer. E' provável que o hidro-avião só no dia 15 chegue ao Rio de Janeiro.

Funcionalismo público

EM LOURENCO MARQUES

Sindicato Geral das Classes Trabalhadoras

Uma saudação à «A Batalha»

Em reunião da Junta Sindical, realizada em 26 de Abril do corrente ano, foi aprovada a seguinte proposta:

«Enviar à A Batalha as nossas felicitações pelo seu terceiro aniversário, desejando-lhe longa vida e continuação da mesma vontade com que tem lutado pela causa».

Foi resolvido também contribuir com 100\$00 para munições.

Contra a pena de morte

Na mesma sessão foi aprovada a seguinte moção:

«Tendo noticiado o nosso órgão A Batalha que um político, que se chama Cunha Leal, ia propôr ao parlamento a restauração da pena de morte em Portugal».

Considerando que isso só viria atingir o proletariado;

Considerando que as massas conscientes não podem suportar tal grave afronta;

Considerando que ao sr. Cunha Leal só a loura política levaria a tal monstruosidade, e não a ideia de evitá-lo crime;

A Junta Sindical lavra o seu veemente protesto, pondo-se desde já inconscientemente ao lado de A Batalha para que prossiga na sua campanha contra a pena de morte, que é o maior de todos os crimes».

Estas propostas foram aprovadas por unanimidade dos delegados da Junta Sindical, como também o sentir das classes trabalhadoras em geral.

A campanha contra a pena de morte foi seguida com ansiedade, encontrando-se as classes trabalhadoras de Lourenço Marques muito impressionadas com tal facto.

Curso de Naturismo

Na Sociedade Naturista, R. da Madalena, 225, 1.º, inicia hoje, às 21 horas o professor sr. Horacio Inglês Tavares um curso livre de divulgação popular sobre higiene e filosofia naturistas, do qual aproveitarão por certo todos as pessoas que prezam o desenvolvimento integral humano. Espera-se que este curso, que prossegue às quartas-feiras, seja frequentado por esperanistas, anti-alcoolistas, jovens sindicalistas, vegetarianos, e por todos os camaradas conscientes e amigos do seu aperfeiçoamento individual e da regeneração da sociedade.

A lição de hoje versará sobre: «A respiração—Órgãos da respiração.—Órgãos auxiliares da respiração.—Como se efectua a respiração.—Respiração completa ou plena respiração.—Respiração nasal e bucal.—Respiração pela pele.—Dormir com a janela aberta.

A digestão.—Fome e apetite.—O que devemos comer e beber, onde e quando, e como se devem cozinhar os alimentos.

Como se deve mastigar.—Órgãos da digestão.—Diversos actos por meio dos quais se realiza a digestão.—Como se efectua normalmente a digestão.—Regras para auxiliar a digestão.—Digestão anormal.—Cinzas orgânicas.—Preceitos que se devem seguir para gozar boa saúde.

Entrada franca.

Grupo Naturista Libertário «Os Puritanos»

Realizaram-se no domingo passado as provas de ginástica respiratória. Hatha Yoga, que tem despertado entusiasmo pelo seu benéfico efeito e gosto pelo seu ritmo. Ao longo da praia viam-se grupos estranhos tentando imitar aqueles cadenciados movimentos.

A palestra efectuada despertou tal interesse que outros grupos desejavam aderir a este, ficando assente, por unanimidade, que se juntasse num único grupo com a denominação Os Filhos do Sol.

O novo grupo pode pertencer os temperantes e não libertários, sendo a direcção sempre composta dos antigos Puritanos.

E' aumentado com o curso de Esperanto ao ar livre com a divisa—Ep la Esperantino la Suno netaum subras. (No mundo do Esperanto o Sol nunca se põe).

Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário e tesoureiro, Oran Max Araújo, Rua Guilherme Anjós, Pátio A. T., Monte Prado, Lisboa. Cota voluntária.

Folhetim de A BATALHA

Francisco Gicca

JUSTICA Sacerdotal

Um velho confessionário à direita; mais além o púlpito e oito grandes bancos na nave.

Nas paredes laterais, além de vários quadros de santos simetricamente colocados, viam-se as catorze passagens da Via sacra.

A esquerda, ao entrar, num nicho, uma estátua da Virgem em mármore, alta, quasi de um metro, vestida com um rico traje de seda, vários corações e ofertas no hábito e um grande véu que a envolvia tóda, para protegê-la do sol e das moscas.

A fundo, em frente à porta da entrada, o altar com um grande cristo crucificado e um retrato da Virgem. O conjunto era bastante garrido, apesar da sua pobreza, devido às flores, artificiais e naturais que o adornavam, com a sua toalha branquissima, as lámpadas de azeite bem reluzentes e o tabernáculo com o sacrário brilhante como ouro.

A Virgem tinha sido uma oferenda do cônego, irmão de Justo; e os montanhenses consideravam-na muito milagrosa. Dizia-se que tinha realizado cinco curas. Cinco enfermos que, salvos pelo médico ou pela reacção benéfica da na-

cerda, tinham acreditado que o idolo de pedra havia feito o milagre.

Carolina encontrou a igreja deserta e passou quinta onde estava o pároco de calças e em mangas de camisa arrancando as hervas daninhas com a enxada.

A velha apressou-se a beijar a mão suarenta e suja de terra que lhe estendeu o reverendo.

— Que te traz cá, Carolina?

— Venho trazer-lhe duas galinhas e alguns ovos.

— Muito bem — respondeu o

cura tomndo-lhes o peso para avaliar a sua gordura, e entre-

gando-as à criada que viera apresentar o seu amplo avenal para receber as dívidas que traziam para o seu patrão, — muito bem...

— E trinta e cinco testostóis que

pude economizar este mês — ajun-

to Carolina.

O pároco recebeu-os e depois de ter contado meteu-os na larga bolsa acrescentando:

— Deves-me o azete para as

lámpadas do altar, e é preciso

não esquecer que nunca o tra-

zes.

— Assseguro-lhe, senhor cura,

que não tem sido por má vol-

tade. Assim que se vendam os por-

cos cumprirei com o meu dever.

— Se assim fosse nada teria

que dizer; mas Gertrudes é uma

pobretona a quem o senhor cô-

nego não deixaria nem um centavo, e como a minha família,

gracias a Deus e à Virgem San-

ta, não tem que invejar hon-

tas para que, por minha morte,

dissuadir Pedro que parece em-

penho em contrair este matrimónio que nos arruinaria. E' preciso que a mulher que case com ele não venha nua; porque de

pois temos de preparar o enxoval de Cristina, que já está com idade de casar (1), e não aconteça como

a Maria Antónia, que dizes a

Filipe julgando uma coisa e resultando que o pouco de terra

que trouxe está toda hipotecada ao senhor cônego e apesar que

se casaram há menos de um an-

o já está minha filha para dar a luz.

E segui assim, aniosamente, expondo as suas queixas; o grito da camponesa anelante de terra, disposita a aceitar qualquer parentesco, sempre que lhe tragam dinheiro e terreno.

— Oh! oh!

— Veja, pois, que não é possi-

vel que o meu Pedro case com

uma faminta, uma rapariga que

tem feito má vida na cidade, e

que até há pouco andava falando

de noite com o sargento Vito-

rio... — sabe Deus porquê!

— E você, não disse ao senhor

cônego nada a meu respeito?

— Disse-lhe que o senhor cura

protegia Justa e Gertrudes por

consideração a elas e respondeu-

me. Diga a D. Rafael que não

tinha consideração por elas..

— Por mim que não lhes de nem

água.

— Vou escrever ao senhor cô-

nego.

— Assim o senhor cura deve

fazê-lo sem que o tenham feito

mais velhos. Vão por escala.

(1) Em muitas povoações da oura Itália existe o costume de casar os filhos de maneira que os mais novos não possam fazer-lhe sem que o tenham feito

A BATALHA

Procedimento estranhável

No intuito de efectuar uma festa em benefício de A Batalha, um grupo de sócios da Academia Filarmonica Verdi, composto dos camaradas Manuel Pereira, Alberto da Silva, Artur da Silva, José da Silva Machado e Possidônio Lourenço, oficiou à direcção daquela colectividade pedindo a cedência da sala para realizar essa festa.

A direcção da Academia indeferiu o requerimento, alegando que os estatutos só permitiam a cedência da sala para festas em benefício dos sócios no gosto dos seus direitos. Dizem-nos, porém, aquelas camaradas que ainda há pouco ali se efectuou uma festa para auxílio de O Carruageiro, na qual todos prestaram o seu esforço, como era seu dever, estranhando o procedimento de agora manifestado pela direcção da Academia Verdi, tanto mais que a festa era em benefício do órgão dos trabalhadores.

Comunicava-nos ainda aquele grupo de camaradas, que Carlos Santos, arquista da Academia, ameaçou de ir faze-

queixa ao governador civil, para tomar conta dos estatutos, no caso de tentar levar a festa a efeito! Acrecentaram mais aqueles camaradas na carta que nos enviaram que, tendo conviado o tipógrafo Francisco Franco, também sócio da Academia, a assinar o ofício pedindo a cedência da sala, este se negara a tal.

Considerando que ao sr. Cunha Leal só a loura política levaria a tal monstruosidade, e não a ideia de evitá-lo crime;

Considerando que as massas conscientes não podem suportar tal grave afronta;

Considerando que ao sr. Cunha Leal só a loura política levaria a tal monstruosidade, e não a ideia de evitá-lo crime;

Considerando que a sua resistência seja eficiente;

Considerando que as massas conscientes não podem suportar tal grave afronta;

Considerando que ao sr. Cunha Leal só a loura política levaria a tal monstruosidade, e não a ideia de evitá-lo crime;

Considerando que a sua resistência seja eficiente;

"A Batalha" na Província e Arredores

Praia da Nazaré

Evora

1 DE JUNHO

U. S. O.

A escassez de mordidas e a atitude de provocadora insolência de alguns senhorios

O aumento sempre crescente da população e a não construção de habitações, colocam-nos inevitavelmente na mais completa impossibilidade de gozar um dos mais ingráveis e elementares direitos humanos: o direito de habitar.

Portanto, os miseráveis detentores da propriedade, cujos direitos senhoriais só um estado social fundamentalmente iníquo e refinadamente estúpido pode justificar, estribados nas circunstâncias acima descritas e com a criminosa impunidade que a lei e as autoridades manifestamente lhes facultam, estão abusando escandalosamente da paciência dos pobres inquilinos que obstinadamente se não querem tomar a defesa dos seus direitos pela ação directa, constantemente são vítimas dos seus bárbaros aliados.

Assim, o abastado proprietário desta localidade sr. Matias Silvério (presumivelmente por considerar inútil o pedido de aumento da renda, atentas as preceas circunstâncias de existência da sua vítima), notificou há tempo a ordem de despejo a uma das suas inquilinas de nome Adelaide Cucueas, que aqui exerce há muitos anos o mister do quinquilheira, sendo por todos respeitada.

Dado o facto de não encontrar outra morada para residir e assim cumprir a ordem dada pelo privilegiado continuou a pobre velha a depositar nas mãos de um particular a equivalência da renda à ordem do respectivo senhorio, posto que ele se recusava a aceitar a mesma no malévolo propósito, é claro, de arranjar um pretexto que justificasse o despejamento.

Enraivado com o espécie de silêncio da mulherinha, o desalmado senhorio, que como todos da sua espécie não tem a noção dos seus deveres para com o seu semelhante, fuz-se acompanhar numerosas das, por um beligerium, do regeamento, de alguns cabos de polícia, etc., e, sem mais prévio aviso nem advertência, sem a mais palida consideração pelo respeito devidos aos mais fracos, espulsa violentamente a criatura e com ela toda a sua comitiva dos seus miseráveis tristes, causando o facto grosso escândalo e indignação profundamente quem o presenciou.

Porém, o mais curioso do caso é que a certa altura da revoltante e grotesca comédia, a inquilina, completamente lavada em lágrimas, tam grande era a afronta que acabava de sofrer, timidamente se dirigiu ao referido senhorio preguntando-lhe se alguma coisinha devia, a que ele arrogantemente replicou que «não», resposta esta que mais avolumou o justo descontentamento de aqueles que presenciaram a vergonhosa.

Quando é que o inquilino, que é o instrumento dos baixos designios e boçalismo destrutivo, farolando-se, resolve a correr-lhe com a sorte?

Um caso significativo

Positivamente que os negregados adeptos de Loiola ainda não separam a esperança da restauração do império da mentira e do dogma, o qual lhes garantiu, em todos os tempos e em todos os lugares, o livre tráfico das consciências.

Semelhantemente ao lobo que patrulhava pelo silêncio e escuridão da noite desse ao povoado, exercitando as ferinas mandíbulas para mais facilmente empollar a presa, as corujas da igreja esvoacam sinistramente sobre este povo ignorante afim de lhe inocularem o seu veneno.

E o caso de o pároco desta vila passar a cumprir com os seus deveres eclesiásticos em Nazaré e não em Pederneira, consoante o velho costume, pela razão de ter aqui maior número de ouvintes às suas absurdas e imoralizadoras práticas.

Em face, pois, da este facto sintomático, lembramos aos avançados e livres pensadores desta localidades que desenvolviam o máximo da sua ação no sentido de evitar os progressos da negredada reacção ultramontana. — C.

Castelo Branco

1 DE JUNHO

Importante reunião

Reúniram ontem os corticeiros desta localidade, para tomarem conhecimento e pronunciarem-se sobre as reclamações apresentadas pela Federação Corticeira aos industriais de todo o país.

Falam diversos camaraços que defendem as reclamações com calor e condoram asperamente a exploração industrial que aqui se exerce, com especialidade no que diz respeito ao horário de trabalho, que ainda se mantém de sol a sol, e aos irrisórios salários que recebem, que mal chega para não morrerem de fome.

Depois da assembleia suficientemente elucidada as aspirações da classe e da necessidade que os corticeiros desta localidade tem em melhorar a sua situação económica, quanto antes, foi aprovado por unanimidade acatarem-se fielmente as deliberações da Federação Corticeira, ficando este Sindicato desde já, incondicionalmente, ao lado daquele organismo.

Também foi nomeado delegado ao Congresso Nacional Operário o camaraço João Duarte, e aprovada a cota suplementar de 5 centavos por mês, para auxílio de A Batalha.

O Congresso da Construção Civil

Há grande entusiasmo no operariado da Construção Civil, por se efectuar o Congresso da indústria nesta localidade. Por esse motivo tem-se efectuado ultimamente diversas reuniões no Sindicato e tudo leva a crer que do mesmo congresso muito venha a aproveitar o operariado local. Estes camaraços estão a preparando também para pôr em prática o horário de 8 horas.

Este Sindicato também aprovou ontem, em sua reunião de assembleia geral, a cota suplementar de 5 centavos de auxílio a A Batalha. — C.

Tomar

2 DE JUNHO

U. S. O.

Reuniu ontem o conselho central desta União, que traçando da momentosa questão do auxílio a prestar ao seu organismo na imprensa, resolver que cada sindicato contribua com 5 centavos por sindicado, até que deliberações em definitivo sejam tomadas no próximo congresso nacional.

Ladrões do povo

Por falta de espaço não podemos referir-nos ainda hoje à critica feita por um jornal local ao desempenho da polícia com o título acima, original de Teixeira, a quem da sua representação no Teatro Garcia de Resende, em benefício da Escola Ferrer.

Propaganda reaccionária

O arcebispo desta cidade tem desenvolvido uma perniciosa e habilissima propaganda jesuítica mascarada de católica-sindicalista que lentamente vai afrouxando os cérebros.

No meio operário tem alguns adeptos o qual aludiram de arcebispo socialista e a quem ele vai cativando com as suas falinhas doces.

Entre as crianças a sua propaganda é intensa, sendo incansável, contando histórias fúnebris como uma que para exemplo relatarmos na nossa próxima carta.

O tempo

Há seis dias que inviabilmente a trovada, acompanhada de violentas cargas de água, nos vem visitar, deixando recordações indesejáveis.

Ontem os trovões estrelavam com uma violência extraordinária. Hoje, à hora a que escrevemos, 18 horas, está pairando de novo sobre a cidade, ameaçando desencadear-se.

Cajado a um pouco

Uma rapariga de 16 a 18 anos, de nome Micaela, nos cuidados do padre Rodrigues, residente na rua do Muro, caiu ao poço da casa de residência, sendo salva dum morte certa por Manuel Cunha e Sá, auxiliado pelos restantes operários da oficina em que trabalha, de cujo pessoal faz parte Joaquim Nogueira.

A infeliz, mesmo no fundo do poço, não escapou aos insultos dos pais do padre, que a acusavam de imprudente por não ter evitado o desastre.

Diz-se que a pequena, obscurada pelo fanatismo religioso que lhe é ministrado, afirma que o salvamento se deu por milagre de Deus.

Tens razão, minha menina. Deus salvou-te do poço, não é verdade? A tua devocion é que te faz querer por ele! Ele é que preside a todos os actos da tua vida humana, como o teu director espiritual te diz! Mas nesse caso foi por influência da sua vontade que tu caíste ao poço; foi ele que, te quis fazer a percer!

Tens cada uma... Se não te aparcasse o Manuel Cunha e Sá, a estas horas estavas dando contas ao criador. Esse é que por sua própria vontade, te salvou, ingénua criança. — C.

Vila Real de Santo António

2 DE JUNHO

O jôgo

Está a desenvolver-se o jôgo nesta localidade dum forma assustadora. Joga-se desardonadamente sem que as autoridades ponham termo a semelhante vergonha.

Semelhantemente ao lobo que patrulhava pelo silêncio e escuridão da noite desse ao povoado, exercitando as ferinas mandíbulas para mais facilmente empollar a presa, as corujas da igreja esvoacam sinistramente sobre este povo ignorante afim de lhe inocularem o seu veneno.

E o caso de o pároco desta vila passar a cumprir com os seus deveres eclesiásticos em Nazaré e não em Pederneira, consoante o velho costume, pela razão de ter aqui maior número de ouvintes às suas absurdas e imoralizadoras práticas.

Em face, pois, da este facto sintomático, lembramos aos avançados e livres pensadores desta localidades que desenvolviam o máximo da sua ação no sentido de evitar os progressos da negredada reacção ultramontana. — C.

Ceia

5 DE JUNHO

Um padrão

Pretende uma comissão levantar nesta terra um padrão comemorativo, em honra dos filhos do concelho mortos na grande guerra.

A comissão anda numa ázáfama medonha, angariando donativos para a grande obra, fazendo vibrar o clímax do patriotismo, estafada raiocreira para fazer cair os padões que ainda se deixam levar pelos cantos de tal sercia.

E aqui tem a educação, a moralidade, a civilização e a fraternidade da sacerdade burguesa.

Desporto

5 DE JUNHO

Reuniu ontem os corticeiros desta localidade tem em melhorar a sua situação económica, quanto antes, foi aprovado por unanimidade acatarem-se fielmente as deliberações da Federação Corticeira, ficando este Sindicato desde já, incondicionalmente, ao lado daquele organismo.

Também foi nomeado delegado ao Congresso Nacional Operário o camaraço João Duarte, e aprovada a cota suplementar de 5 centavos por mês, para auxílio de A Batalha.

Este Sindicato também aprovou ontem, em sua reunião de assembleia geral, a cota suplementar de 5 centavos de auxílio a A Batalha. — C.

A BATALHA

Teatros

Primeras

EDEN-TEATRO. — "La mala sombra" e "El señor Melquiades".

E sempre com alvoroço que sabemos que vai à cena tanta pega dos irmãos Quintero. Poucos escritores terão conseguido alcançar uma tan justa nomeada, como os insigne dramaturgos espanhóis. Sabem o carinho com que elos abordam todos os assuntos, dando ao seu teatro muito coração e quasi obrigando o espectador a emendar-se de erros que houvesse cometido e que a uma boa moral não assistisse quando um momento infeliz o levou a praticá-los. Há sempre um ensinamento útil nos diálogos que correem a fluxo, há sempre uma correção a más intenções e uma benevolência a precipitações em que a natureza humana é tan pródiga.

As peças dos irmãos Quintero são arrejados, e mal a catadura é a alma que as sente e experimenta a perdurável sensação do bom conselho e o lenitivo forte da resignação sádia. No cadinho da sua dramaturgia predominam os quais, diga-se de passagem, se não tem poupar a trabalhos, no sentido de que o seu sindicato a temer a vida tantas vezes oscila, entre o bem e o mal.

A maneira como é conduzida a dialogação, a clarividência com que os factos são olhados, o encadeamento natural dos ideias, movem a nossa curiosidade e fazem desabrochar o nosso discernimento.

Na *Mala sombra* o azar que envolve o botequim modesto constitui *mot d'ordre* de periódicas picardias que se sucedem e a que não é estranha a superstição que se apossa do toureiro que, preparado para entrar na "bréga", só ouve narrações macabras de freguesias da locanda em que não entra durante um dia uma "pera chicha". É um acto de observação sem vólos escusados de complicação.

La mala sombra tem pouca música, mas a que tem é também de quíntica. A que desenha a "monica" dos "chulos" se desfazem em esgares e em que a única nota fresca é a canção da típica Nadal, é magistral de carácter e humor.

— Interrompida ontem, volta hoje à scena a engraçada comédia de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Cremlida, Chaby e os restantes artistas são todas as noites ovacionados devido à graca e espírito da peça.

— O novo Teatro Maria Vitoria, instalado no Avenida Parque (antigo Parque Mayer), à rua do Salitre, será inaugurado ainda no corrente mês. A primeira peça que nela subirá à scena é a revista *Lua nova*, original de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes, João Bastos e Henrique Roaldão. A música é exclusivamente da maestro Alves Coelho, uma parte original e outra coordenada.

— Deve assiná-lo por estes dias o contrato de aluguer do Eden Teatro, até 1925, entre a empresa proprietária daquela casa de espectáculos e os empresários Lino Ferreira e Leopoldo O'Donnell.

Reclames

No Nacional realizam-se hoje e amanhã, as últimas representações das notáveis peças, de grande sucesso, *Cavalgada nas nuvens* e *Carta Anônima*, que não voltam a repetir-se esta época.

Ballester, o fátilo locandone, aperfeiçoou deslancado a fisionomia no sofrimento da fata de frequentadores. Barreiro foi um tipo bem marcado de engraxador testado por Cupido. As senhoras, Nadal e Daina, graciosa; Arias, ensonhado "gaitano" caracterizou-se por ser atraente.

— O espetáculo desta noite no Politeama é constituído pela representação, pela primeira vez neste teatro e pela companhia Ruy Colaço-Robles Monteiro, da encantadora comédia de Pasco e Abati, tradução de D. Júlia Escorço, *A menina virtuosa*, que já entre nós conquistou um sobro sucesso. A *menina virtuosa* vai posta em scena, com o cuidado que aquela companhia pôde sempre em todas as peças que se lembra de um logar notável.

— Interrompida ontem, volta hoje à scena a engraçada comédia de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Cremlida, Chaby e os restantes artistas são todas as noites ovacionados devido à graca e espírito da peça.

— O espetáculo desta noite no Politeama é constituído pela representação, pela primeira vez neste teatro e pela companhia Ruy Colaço-Robles Monteiro, da encantadora comédia de Pasco e Abati, tradução de D. Júlia Escorço, *A menina virtuosa*, que já entre nós conquistou um logar notável.

— Interrompida ontem, volta hoje à scena a engraçada comédia de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Cremlida, Chaby e os restantes artistas são todas as noites ovacionados devido à graca e espírito da peça.

— O espetáculo desta noite no Politeama é constituído pela representação, pela primeira vez neste teatro e pela companhia Ruy Colaço-Robles Monteiro, da encantadora comédia de Pasco e Abati, tradução de D. Júlia Escorço, *A menina virtuosa*, que já entre nós conquistou um logar notável.

— Interrompida ontem, volta hoje à scena a engraçada comédia de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Cremlida, Chaby e os restantes artistas são todas as noites ovacionados devido à graca e espírito da peça.

— O espetáculo desta noite no Politeama é constituído pela representação, pela primeira vez neste teatro e pela companhia Ruy Colaço-Robles Monteiro, da encantadora comédia de Pasco e Abati, tradução de D. Júlia Escorço, *A menina virtuosa*, que já entre nós conquistou um logar notável.

— Interrompida ontem, volta hoje à scena a engraçada comédia de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Cremlida, Chaby e os restantes artistas são todas as noites ovacionados devido à graca e espírito da peça.

— O espetáculo desta noite no Politeama é constituído pela representação, pela primeira vez neste teatro e pela companhia Ruy Colaço-Robles Monteiro, da encantadora comédia de Pasco e Abati, tradução de D. Júlia Escorço, *A menina virtuosa*, que já entre nós conquistou um logar notável.

— Interrompida ontem, volta hoje à scena a engraçada comédia de André Brun, *A Maluquinha de Arroios*. Cremlida, Chaby e os restantes artistas são todas as noites ovacionados devido à graca e espírito da peça.

— O espetáculo desta noite no Politeama é constituído pela representação, pela primeira vez neste teatro e pela companhia Ruy Colaço-Robles Monteiro, da encantadora comédia

